

***Kid strip* e representações da infância na contemporaneidade: o personagem Armandinho, de Alexandre Beck**

Kid strip and representations of childhood in contemporary times: the character Armandinho, by Alexandre Beck

JOSÉ IGNACIO RIBEIRO MARINHO

Mestre em Letras (UFJF)

E-mail: josebrenatti@gmail.com

Resumo: O presente estudo circunscreve-se na área de Literatura, alicerçando-se especialmente entre dois campos: Literatura e Intermidialidade. Ancora-se, sobremaneira, em uma pesquisa das representações da infância nas *kid strips* *Armandinho*, de Alexandre Beck (cartunista e ilustrador catarinense). Busca-se observar, nas personagens infantis que as protagonizam, características psicológicas, como desconcerto, humor, inteligência, sátira e transgressão. Assinala-se que o objetivo geral é compreender efeitos de sentido – no campo da ficção – nas tirinhas (impresas ou virtuais) que envolvem a personagem Armandinho, assim como os demais personagens infantis que integram sua turma. Para tanto, basear-nos-emos nos seguintes teóricos: Thierry Groensteen (2015), Will Eisner (2010) e Scott McCloud (2005) para compreender o sistema dos quadrinhos; Sophie Van der Linden (2018) em sua abordagem acerca dos processos de ilustração, diagramação e tipografia; Paulo Ramos (2007, 2017) e Vítor Nicolau (2013), com o intuito de aprofundarmos os estudos sobre conceito, história e linguagem; Márcio Antônio Gatti (2013) e Renan Silva Duarte (2018), no que abarca o universo *kid strips* e as representações da infância.

Palavras-chave: Literatura; *kid strips*; tirinhas; *Armandinho*; infância.

Abstract: This study is situated in the field of Literature, specifically bridging two domains: Literature and Intermediality. It primarily grounds itself in an exploration of representations of childhood in the kid strip “Armandinho” by Alexandre Beck, a cartoonist and illustrator from Santa Catarina. The aim is to observe psychological characteristics such as disarray, humor, intelligence, satire, and transgression in the child characters who take center stage. The overall objective is to comprehend the sense effects within the realm of fiction in the comic strips (printed or virtual) featuring the character Armandinho and the other child characters in his group. To achieve this, we will draw on the theories of Thierry Groensteen (2015), Will Eisner (2010), and Scott McCloud (2005) to understand the comic system; Sophie Van der Linden (2018) in her approach to illustration, layout, and typography processes; Paulo Ramos (2007, 2017) and Vítor Nicolau (2013) to deepen our studies on concept, history, and language; Márcio Antônio Gatti (2013) and Renan Silva Duarte (2018) in the realm of kid strips and representations of childhood.

Keywords: Literature; kid strips; comic strips; Armandinho; childhood.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio, assinala-se que o presente estudo encontra-se delimitado entre os campos da Literatura e da Intermidialidade (neste caso, considerando-se as *kid strips*, concernentes ao sistema dos quadrinhos, como uma espécie de mídia).

A partir da presente proposta, busca-se um estudo do gênero textual tirinha, baseando-se na representação da infância nas tirinhas em quadrinhos *Armandinho*, de Alexandre Beck, averiguando nas tirinhas características psicológicas das personagens infantis, como desconcerto, humor, inteligência, sarcasmo e transgressão.

De modo geral, objetiva-se compreender os efeitos de sentido (com base em algumas características psicológicas), no território da ficção, representados pela personagem *Armandinho*, de Alexandre Beck.

Especificamente, pretende-se analisar e compreender o sistema dos quadrinhos na contemporaneidade; estudar o conceito, a história e a linguagem do gênero textual tirinha; perscrutar o universo povoado por personagens infantis (*kid strips*); categorizar nas tirinhas *Armandinho*, de Alexandre Beck, a representação da infância, com base em algumas características psicológicas.

A fim de obtermos consolidações em nossas propostas teórico-metodológicas, recorreremos às pesquisas empreendidas por Duarte (2018), Groensteen (2015), Ramos (2007 e 2017), entre outros.

2 A PERSONAGEM ARMANDINHO, DE ALEXANDRE BECK

No âmbito do sistemas dos quadrinhos, deparamo-nos com um rol de gêneros quadrinísticos (caricaturas, cartuns, charges, gibis, histórias em quadrinhos, mangás etc.), de modo especial, as tirinhas, que podem, no interior de tal sistema, receber diversas alcunhas, a saber: tira, tira cômica, tira de humor, tira de jornal, tira diária, tira de quadrinhos, tira em quadrinhos e tira humorística, por exemplo. Ainda, é elementar levarmos em conta que as tirinhas são atualmente veiculadas principalmente no ambiente digital, por meio de sites de pesquisa e/ou de redes sociais digitais, como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Tumblr*, o *Twitter*, o *WhatsApp* e o *YouTube*, por exemplo. Em relação a tais ambientes, há uma série de nomenclaturas para o gênero textual: tiras/tirinhas digitais, tiras/tirinhas virtuais, webtiras/webtirinhas, entre as mais comuns. Acerca de tal gênero, Nicolau (2013) afirma:

A tirinha é uma narrativa isolada de um todo, apresentada em uma sequência de três ou quatro quadros e tem a sua contextualização com a vida cotidiana. Elas são idealizadas para existir desta maneira, diferentemente das histórias em quadrinhos, que se apresentam roteirizadas, narradas e diagramadas em páginas ou revistas (NICOLAU, 2013, p. 17).

Assinala-se que as tirinhas existem há mais de um século e que costumam reagir, instantaneamente, a contextos sócio-histórico-político-culturais. Contudo, no Brasil,

[...] as primeiras produções de tirinhas veiculadas em jornal são creditadas a Maurício de Sousa com as histórias do cãozinho Bidu, em 1959, publicadas na *Folha de S. Paulo*. Depois do sucesso das tirinhas do Bidu, Maurício desenvolveu uma legião de personagens como Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali, entre outros, que ganharam autonomia em revistas próprias (NICOLAU, 2013, p. 30).

Ainda de acordo com o mesmo autor, “No Brasil, a partir da década de 1970, elas trouxeram consigo um conteúdo de crítica política, retratando com aguçada ironia os paradoxos da sociedade da época” (NICOLAU, 2013, p. 36). Cabe destacar que no país, quanto à confecção e à propagação de tiras, alguns nomes merecem destaque, como o trio Angeli, Glauco e Laerte.

Conforme Thierry Groensteen (2015), os quadrinhos pertencem a um sistema com interseção tanto na estética quanto na semiótica – trata-se, pois, de um texto híbrido, dado que transita entre a esfera artística e a literária, assim como entre o universo verbal e o visual. Ainda, destaca-se que tal sistema abarca uma série de hipergêneros, como caricaturas, cartuns, charges, histórias em quadrinhos e tiras, por exemplo. A título de exemplificação, se comparadas às histórias em quadrinhos, os estudos das tiras, especialmente daquelas protagonizadas por crianças (*kid strips*), de certa forma, ainda são deveras incipientes e paulatinas. Conforme Salgado e Gatti (2013, p. 527): “As kid strips têm disputado espaço com outros textos também no meio virtual da internet, em especial na rede social Facebook. Neste ‘suporte’, elas aparecem ora integralmente, ora recortadas ou mesmo alteradas”.

Nesse sentido, a presente pesquisa pretende estudar o sistema dos quadrinhos, ancorando-se, para tanto, nas pesquisas de Thierry Groensteen (2015). Para um aprofundamento no que tange aos quadrinhos, basear-nos-emos nos estudos dos americanos Will Eisner (2010) e Scott McCloud (2005). Devido ao fato de as tirinhas, enquanto hipergênero do sistema dos quadrinhos, passarem, em diversos aspectos, por todo um processo de ilustração, calcar-nos-emos, em relação à diagramação, à ilustração e à tipografia, nas teorias da francesa Sophie Van der Linden (2018).

Tendo em vista os contextos digitais e tecnológicos, que acoplam um rol de redes sociais digitais, assim como o gênero textual tira, assinala-se que a personagem Armandinho apesar de ter nascido em meio ao suporte impresso, no final de 2009, migrou, posteriormente, para o suporte digital.

Tal como outras personagens clássicas como Calvin, de Bill Waterson, Charlie Brown, de Charlie M. Schulz, e Mafalda, de Quino, Armandinho é apresentado como uma criança carregada de ideologias, cujo comportamento é altamente crítico-reflexivo; contudo, sem perder a ingenuidade, a magia e a pureza típicas da condição em que se encontra circunscrito: a infância. Conforme pode ser observado a seguir:



Fonte: Beck (2013, p. 10).

Anatomicamente, a personagem possui cabeça um tanto avantajada e seus traços são simples, o que é uma característica geral da tirinha cômica com personagens infantis (*kid strips*). Além disso, chamam a atenção seus cabelos azuis. Está em idade escolar e, naturalmente, possui diversos amigos, como a Ana, o Arnaldo, o Augusto, o Camilo, a Cecília, a Etiene, o Fabinho, a Fernanda, o Helcinho, o Juca, o Lucas, o Marcelinho, o Marcos, o Matias, o Moacir, o Paulo, o Pudim, o Théo, o Vítor e o Zé, para citar os de maior destaque. Curiosamente, tem um anfíbio como companheiro constante, um sapo, mais precisamente, que o acompanha praticamente em todas as narrativas em quadrinhos. O enquadramento só permite que apareçam os membros inferiores dos pais, assim como dos demais adultos, mostrando, por meio do recurso visual, o foco narrativo eleito para essas tirinhas: o das crianças. O terreno da literatura dos quadrinhos, povoado frutiferamente por pequenos “avatares”, destina-se, em geral, às personagens que cometem, divertidamente, diabruras ou que são transportadas a universos oníricos. Segundo Duarte (2018, p. 36), “as crianças presentes nesse tipo de história são, geralmente, ativas no seu mundo, e estão sempre confrontando figuras de autoridade”. Poderíamos atribuir fartos e inúmeros adjetivos a essas personagens, a título de exemplificação: contestadoras, desobedientes, humoradas, independentes, inteligentes, indisciplinadas, maledicentes, satíricas, transgressoras, violentas etc.

São múltiplas as abordagens temáticas proferidas e propagadas pelo discurso da personagem Armandinho: alimentação saudável e não saudável, defesa da democracia, diferenças, diversidade (cultural, linguística, religiosa etc.), feminismo, homofobia, machismo, preconceito, entre outras. Assinala-se que majoritariamente tais assuntos se apresentam de forma humorístico-reflexiva, desconcertando e instigando o público leitor. Por meio de sua cumplicidade e de sua inquietude, a personagem convida-nos a refletir sobre as abordagens temáticas presentes na atualidade. Mesmo que não comunguemos em relação às suas opiniões, de certa forma, estamos inseridos em sua “teia”, isto é, em seus discursos. Posto isto, enquanto leitores da obra de Alexandre Beck, não podemos apartar contexto e texto. Devemos compreender, antes de tudo, que sua obra é mediada, historicamente, por questões de natureza cultural, política e social. Caso contexto e texto sejam apartados, a obra corre o risco de se perder em uma espécie de vazio absoluto.

Quanto às personagens infantis, é de fundamental importância assinalar que “Não podemos esquecer que se trata de um produto nascido e criado com a mídia para as massas, em que simplificações se fazem necessárias [...]” (DUARTE, 2018, p. 23). Ainda, segundo o autor, este tipo de produção está presente desde o nascimento das

HQs e foi o responsável pelo crescimento e pela expansão do quadrinho enquanto uma linguagem compreendida como arte. Para Duarte (2018):

Tais personagens não nos incomodam porque, de alguma forma, aceitamos que eles incorporem e articulem angústias e pensamentos que nos são próprios. Há, portanto, um jogo de distanciamento e aproximação. A figura infante se distancia em seu universo infantil, deixando o lugar do adulto, purificando-se para, só assim, ver mais claramente o adoecido mundo em que vivemos, padecê-lo e questioná-lo como nós (DUARTE, 2018, p. 23).

A este respeito, Salgado e Gatti (2013) afirmam:

É verdade que, no humor, principalmente no gênero tira cômica, reivindica-se uma certa complexidade para a imagem das crianças. Assim, o estereótipo da criança não é tão simplificado como são os estereótipos de outros grupos ou etnias. Mas pode-se também atestar que há uma certa imagem de criança que perpassa boa parte dos textos em que ela aparece como protagonista: a imagem da incompletude (SALGADO; GATTI, 2013, p. 252).

A palavra “incompletude”, supracitada, associa-se à imagem de a criança estar em desenvolvimento em múltiplos sentidos (afetivo, cognitivo, corpóreo, cultural, linguístico, psíquico, social, por exemplo.). Isto posto, apreende-se que as crianças dizem, assim como fazem, coisas que talvez um adulto não dissesse ou fizesse, hipoteticamente, por meio de julgamentos morais e sociais. Segundo Salgado e Gatti (2013):

O que ela diz não está atravessado por qualquer mascaramento, não pode ser associado a algo obscuro, da falsidade – que seriam típicos da parcela adulta da sociedade –, ela estaria no mesmo patamar dos grandes pensadores (não porque de fato seja, mas porque é criança e, de alguma maneira, está imbuída de um caráter e de uma corporalidade vazios dos vícios do mundo adulto), ela, por ser ingênua e incompleta, pode dizer à altura dos grandes pensadores, “verdades universais”, ou coisas que não seriam bem vistas na boca de um adulto, sem que fosse vista como uma indolente (SALGADO; GATTI, 2013, p. 528).

Quanto a isso, é adequado assinalar que as personagens que habitam as *kid strips*, no suporte impresso ou no virtual, devido às suas genialidades e singularidades, parecem pertencer a outro território – um universo povoado por filósofos, literatos, pensadores, por exemplo. Constata-se, no universo das *kid strips*, um comportamento

pensativo e preocupado por parte das personagens que se encontram circunscritas na infância. Isso fica muito perceptível em personagens como Armandinho, Calvin, Charlie Brown e Mafalda. Duarte (2018, p. 18) chama nossa atenção para “O fato da tira apresentar cotidianamente variações do mesmo tema contribui para o artista não precisar rerepresentar seus personagens”.

Assim sendo, tendo como foco a personagem Armandinho, do cartunista e ilustrador Alexandre Beck, reconhecemos algumas de suas características físicas, assim como psicológicas. Averiguamos nela, seja em seu ambiente familiar, seja em meio à sua turma, sua ausência de “papas na língua”, seu “espírito da verdade”, que se confrontado a personagens adultas, poderá, muitas vezes, desconcertá-las. Chagas e Freitas (2017, p. 32) assinalam que “O gênero tirinha é, normalmente, utilizado para entretenimento e, muitas das vezes, aborda perspectivas sociopolíticas e culturais em determinadas sociedades”. A bem da verdade, por um ângulo crítico-reflexivo, acabamos por nos reconhecer em Armandinho, como se a personagem fosse deveras uma miniatura de nós mesmos ou uma projeção muito bem articulada que traz à tona abordagens temáticas (ambientais, culturais, linguísticas, políticas, sociais) inerentes ao universo adulto.

Efetivamente, já fomos crianças e, por consequência, reconhecemo-nos nessas personagens; sabemos, de modo geral, que elas são livres de quaisquer espécies de sentimentos à beira da corrupção ou da obscuridade: “As crianças são, portanto, figuras destorcidas de nossas questões” (DUARTE, 2018, p. 25). Em outras palavras, é como se, ainda que seres humanos, as crianças pertencessem a uma outra categoria ou até mesmo outro reino. A rigor, destaca-se que, assim como outras personagens já conhecidas pelo público, estão encerradas a uma espécie de repetição temática labiríntica. Armandinho, por meio de suas constantes indagações desconcertantes, humoradas, inteligentes, satíricas e transgressoras, está “fadado” a tais abordagens temáticas, à sua família e à sua turma. Conforme afirma Duarte (2018, p. 25): “Estamos encerrados no corpo não desenvolvido daquelas crianças. Por serem puras e inocentes, podem nos dizer exatamente, como um espelho claro e limpo, o que somos, ao dizerem o que elas são, ou quem sabe, o que fizemos do mundo delas”.

Todavia, Alexandre Beck, com base na personagem Armandinho, retrata o campo sócio-político-cultural, “praticando em suas tiras, o que entendemos por ser a tradução intersemiótica de textos ou de partes de textos originalmente publicados no campo literário ou filosófico” (CORBARI; NIEDERAUER, 2017, p. 279). Em suas tiras, além de derivar questões filosóficas, o autor já recorreu a questões literárias, inspirando-se e referenciando diversos autores, a saber: Eduardo Galeano, Ernest Hemingway, José Saramago, Manoel de Barros, Manuel Bandeira, Paulo Freire, Rose Mary Sadalla, Simone de Beauvoir, por exemplo. Corbari e Niederauer (2017) apontam:

Alexandre Beck busca em textos escritos ou transcritos (falados), matéria-prima para desenvolver uma peça nova, que preserva o sentido original do expresso pelo primeiro autor, mas reconfigura-se em um enunciado transformado que, potencialmente, poderá alcançar um tipo de público que talvez não fosse exposto à mensagem original se não

desta nova forma (CORBARI; NIEDERAUER, 2017, p. 289).

Clarifica-se que Alexandre Beck lançou mão da linguagem intersemiótica, trazendo à tona uma interconectividade entre elementos de esferas distintas. À medida que o público leitor se depara com suas tirinhas, tende a se familiarizar com o fato de que a personagem protagonista infantil tem uma família (*family strip*), assim como uma turma (*gang strip*). A isso, acrescenta-se, ainda, a ideia de que a personagem protagonista tem, a título de exemplo, o desconcerto, o humor, a inteligência, a sátira e a transgressão como marcas psicológicas peculiares, conforme apontamos anteriormente. Segundo Renan Silva Duarte (2018), este formato em série mostra a sua potência ao criar uma narrativa macro, apresentando histórias que podem ser lidas de maneira isolada ou compor uma narrativa maior: “Assim, na infinita repetição e variação do mesmo tema, a tira estabelece seu padrão. Como todo padrão, é reconhecível, útil para a síntese, possui seu próprio jogo em seu universo, e estabelece um imaginário. E isto é facilitado pelo formato” (DUARTE, 2018, p. 19).

Levando-se em consideração personagens como Armandinho, Calvin, Charlie Brown e Mafalda, por exemplo, que figuram as chamadas *kid strips*,

[...] percebemos que comunicam uma visão de mundo utilizando-se do universo infantil e suas peculiaridades como lente. Assim, a escolha do mundo infantil como palco para o artista das tiras em questão pode ter muito mais a ver com uma possibilidade ampla de comunicar coisas que só através daqueles personagens e daquele mundo seria possível (DUARTE, 2018, p. 22).

Ainda que as tiras Armandinho costumem ser rotuladas por adultos como “tiras para crianças” (provavelmente por terem crianças como personagens em protagonismo), entendemos que muitas das vezes elas exigem de nós, público leitor, a ativação de uma série de dispositivos artístico-literários, linguístico-cognitivos, sócio-históricos, entre outros. Muitas vezes, tais tirinhas estão intimamente vinculadas a situações cotidianas (ambientais, culturais, econômicas, educacionais, político-partidárias, por exemplo). Para tanto, a fim de entendermos o texto, é necessário compreender seu contexto de produção e de veiculação, assim como os efeitos de sentido provocados pelas tirinhas naqueles que têm contato com esse gênero textual.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que de modo breve, a presente pesquisa procurou promover uma reflexão acerca do gênero textual tirinha, considerando-se que se trata de um gênero híbrido, dado que veicula entre as esferas artístico-literária e jornalístico-midiática. Ademais, integram um sistema específico (o sistema dos quadrinhos), dotado de conceitos, histórias e linguagens.

Também, refletiu-se acerca do fato de as tiras em quadrinhos estarem vinculadas ao campo da Literatura. Nesse campo ficcional, surgem personagens infantis,

configurando-se nas chamadas *kid strips* – é nesse território que aparece a personagem *Armandinho*, criada pelo cartunista e ilustrador catarinense Alexandre Beck.

Conforme se observou, é muito comum nos depararmos com algumas características psicológicas nessas personagens infantis. Além disso, constata-se que ainda há poucos trabalhos acadêmico-científicos que dão conta da abordagem temática, servindo, portanto, de instigação para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

BECK, A. **Armandinho zero**. Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2013.

CHAGAS, D. S.; FREITAS, H. C. O fenômeno da negação nas tirinhas de Armandinho. **Mandinga: Revista de Estudos Linguísticos**, Redenção, v. 01, n. 02, p. 25-37, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/48>.

CIRNE, M. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORBARI, M. A.; NIEDERAUER, S. H. P. As tirinhas de Armandinho como espelho expressivo para textos literários: uma provocação intersemiótica. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 19, n. 34, p. 01-19, 2017. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/2952>.

DUARTE, R. S. **A infância representada em tiras de jornal**: uma leitura de *Penaults*, de Charles Schulz, e *Calvin e Haroldo*, de Bill Watterson. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/8635>.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. Tradução Luís Carlos Borges, Alexandre Boide. 4. ed. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2010.

GATTI, M. A. **A representação da criança no humor**: um estudo sobre tiras cômicas e estereótipos. 2013. 158 p. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

GROENSTEEN, T. **O sistema dos quadrinhos**. 1. ed. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

LINDEN, S. V. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: SESI-SP, 2018.

MCCLLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.

NICOLAU, V. **Tirinhas e mídias digitais**: a transformação deste gênero pelos *blogs*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

RAMOS, P. E. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. 2007. 219 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RAMOS, P. E. **Tiras no ensino**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SALGADO, L. S.; GATTI, M. A. Personagens infantis de tiras cômicas em suportes diversos: uma questão de circulação, aforização e estereotipia. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 517-534, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/19341>.